

ENTRE DEUSES E FLECHAS: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DA GUERRA NA MESOAMÉRICA

Pedro Ivo Prado da Costa¹

Resumo: O estudo das concepções e racionalidades acerca da guerra - atividade central nas lógicas políticas e cosmológicas dessas sociedades - pode ser considerada uma área relativamente pouco estudada dentro do escopo dos estudos históricos mesoamericanos, especialmente em comparação a trabalhos sobre temas como religião, cultura ou sociedade. Dessa forma, verifica-se um quadro onde a guerra é pensada de modo esparso e pouco verticalizado na maior parte dos trabalhos, ao mesmo tempo em que a maneira como a guerra e suas subjetividades são construídas no mundo mesoamericano é bastante heterogênea. Em vista disso, esse trabalho tem o objetivo de analisar as principais proposições e construções sobre as práticas e concepções relacionadas à guerra na Mesoamérica dos períodos clássico e pós-clássico, por meio de uma perspectiva que abarca estudos históricos, antropológicos, arqueológicos e da história da arte. Assim, objetiva-se revisar criticamente as principais proposições, hipóteses e teorias explicativas sobre o tema produzidas nas últimas quatro décadas, para propor novas abordagens, caminhos e perspectivas metodológicas para o estudo da guerra no âmbito das sociedades mesoamericanas.

Palavras-chave: Mesoamérica; História indígena; Guerra.

BETWEEN GODS AND ARROWS: THOUGHTS ON THE STUDY OF WAR IN MESOAMERICA

Abstract: The study of conceptions and rationales about war - a central activity in the political and cosmological logics of these societies - can be considered a relatively little studied area within the scope of Mesoamerican historical studies, especially in comparison with works on themes such as religion, culture or society. In this way, we see a picture where war is discussed in a sparse and little-depth way in most works, while the way in which war and its subjectivities are constructed in the Mesoamerican world is quite heterogeneous. In view of this, this work aims to analyze the main propositions and constructions on the practices and conceptions related to war in Mesoamerica in the classical and post-classical period, through a perspective that encompasses historical, anthropological, archaeological and from the art history. Thus, the objective is to critically review the main propositions, hypotheses and explanatory theories on the subject produced in the last four decades, in order to propose new approaches, paths and methodological perspectives for the study of war in the scope of Mesoamerican societies.

Keywords: Mesoamerica; Indigenous history; War.

¹ Mestrando em História Social (PPGHS) pela Universidade de São Paulo. Interessado na história das sociedades ameríndias. E-mail: Ivo.c@live.com. (<http://lattes.cnpq.br/1251728347703659>)

A questão das origens da violência e belicosidade entre grupos humanos remonta a tempos imemoriáveis. Entre os bons selvagens de Rousseau e o homem enquanto lobo do homem de Thomas Hobbes, as discussões são tão amplas como controversas. Nas últimas décadas, as ciências modernas têm tentado responder a essa problemática por meio de abordagens múltiplas, mas que essencialmente não chegaram a um consenso sobre quais bases residem as explicações para a violência entre sociedades humanas². As sociedades indígenas se encontram no centro desse debate tão logo as primeiras embarcações de Colombo avistaram os grupos aruaques das grandes Antilhas e o choque de civilizações produziu reflexões ontológicas em ambos os grupos por múltiplas perspectivas. Até os dias atuais permanece viva a perspectiva lá gestada que enxerga essas sociedades como representantes de um modo primitivo de vida, tomado em flagrante oposição ao modo complexo, desenvolvido e civilizado, apesar dos crescentes esforços de lideranças indígenas e acadêmicos na desconstrução dessa concepção.

Os povos mesoamericanos (e andinos) representam um caminho para repensar essa ideia, pois ao mesmo tempo que integram o que se poderia chamar de um pensamento ameríndio, nativo dos grupos americanos, construíram grandes cidades, arquitetura monumental e complexos sistemas de escrita, elementos típicos de sociedades complexas dentro dessa perspectiva. Essa alteridade característica das sociedades mesoamericanas pode ajudar a fornecer subsídios para pensar o leque de questões que envolvem as raízes da violência, da guerra e dos comportamentos bélicos em sociedades excedendo as dicotomias simplistas que têm norteado os estudos nos últimos séculos. Nesse sentido, a compreensão das percepções e concepções que envolvem as práticas de guerra na Mesoamérica são essenciais não só na tarefa fundamental de contribuir para a produção da

² Para uma discussão multidisciplinar sobre as raízes da violência entre grupos humanos, ver: MORRIS, Ian. *Guerra – o horror da guerra e seu legado para a humanidade*. Tradução de Luis Reys Gil. São Paulo: LeYa, 2015, p. 439-507.

história e memória desses grupos, como para refletir sobre questões que incidem sobre a própria sociedade ocidental e as origens e perpetuações da violência. Segundo Ross Hassig, há pelo menos três mil anos existem evidências de conflitos bélicos organizados entre grupos humanos na região do atual México³. Esqueletos humanos com traços de violência, estruturas arquitetônicas defensivas e representações de embates e sacrifícios compõem um complexo panorama arqueológico que coloca a atividade guerreira com um papel de destaque dentro das sociedades mesoamericanas. As fontes de tradição escrita, por sua vez, também indicam que a guerra, ou pelo menos o que dela se entende no ocidente, está presente nas realidades históricas mesoamericanas de modo bastante plural e multifacetado. Nesse sentido, as evidências disponíveis aos estudiosos dos séculos XX e XXI apresentam um quadro bastante dinâmico e multiforme nas reflexões sobre como aquelas sociedades concebiam e praticavam os conflitos armados⁴. O presente trabalho busca explicitar como as pesquisas recentes vêm trabalhando esse complexo tema que é a guerra e suas concepções dentro do contexto mesoamericano.

Analisou-se livros e artigos produzidos a partir de meados dos anos 1980 até os dias atuais, com o objetivo de compreender qual é a guerra mesoamericana do período clássico (200-900 d.C.) e pós-clássico (900-1521 d.C.) que vêm sendo construída pelos trabalhos acadêmicos por meio desse complexo universo de fontes. Pensar como se compreende os enfrentamentos bélicos, seu lugar nas lógicas cosmológicas, objetivos e padrões é essencial para desenvolver esse campo de estudos relativamente defasado entre os mesoamericanistas⁵, e esse trabalho é uma tentativa de síntese e análise crítica

³ HASSIG, Ross. La guerra en la antigua Mesoamérica. *Arqueología Mexicana*, núm. 84, marzo — abril, México, 2007, p. 34.

⁴ OBREGÓN, Marco Antonio. La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 33.

⁵ OBREGÓN, Marco Antonio. La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 34.

dessas produções que se debruçaram sobre — ou pelo menos trabalharam de alguma forma — o tema dos conflitos bélicos no âmbito da Mesoamérica.

Não se buscará trabalhar de modo pormenorizados os postulados de cada autor em particular, mas compreender conceitos, ideias e proposições recorrentes ou relevantes sobre o tema da guerra na Mesoamérica, de modo a propor perspectivas interpretativas convergentes e divergentes, buscando traçar diálogos e sínteses sobre as posições dos autores. Estabelecemos alguns eixos como ponto de partida para as análises neste trabalho, com o objetivo de delimitar e sistematizar as proposições dos autores de acordo com as percepções obtidas ao longo das pesquisas e reflexões. Primeiro, se analisou quais os objetivos e motivações são evocados pelos autores como explicativos da guerra mesoamericana; depois, examinou-se como são construídos os modos de se guerrear pelos diferentes autores e tradições analisados nesse escopo. O terceiro item é uma tentativa de sintetizar as principais proposições que articulam a guerra, o Estado — enquanto estrutura jurídico-social — e as legitimações frequentemente evocadas para a empresa de atividades bélicas. Por fim, conclui-se com breves reflexões e apontamentos críticos sobre o atual estado das pesquisas que versam sobre o tema da guerra nos contextos mesoamericanos.

Scherer e Verano definem a guerra, uma das diversas facetas das violências organizadas socialmente referendadas, como “(...) *the application of violence by one collective group against another, often as a means of advancing individual and collective (perceived) interests, typically at the expense of the attacked group*”⁶. Cientes de todas as problemáticas em definir guerra, adotou-se essa definição como postulado inicial para analisar como os diversos autores constroem e representam essa atividade no universo mesoamericano.

Apesar de se inserirem no contexto histórico trabalhado, as chamadas

⁶ SCHERER, Andrew e VERANO, John. *Introducing War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2014, p. 2.

xochiyaoyotl (xochi[tl] “flor” + yaoyotl “guerra”), ou guerras floridas, não foram contempladas nesse trabalho por constituir um campo de pesquisas regido por lógicas distintas, e os debates sobre essa modalidade específica de guerra mesoamericana diferem consideravelmente dos aqui trabalhados⁷. Apesar de ser evocado com frequência em estudos modernos e textos do século XVI, essa modalidade é uma alegada prática que se diferiria das guerras tradicionais nos seus objetivos, convenções e lógicas de funcionamento. O foco aqui empregado foi nas perspectivas que versam sobre a guerra tradicional.

Objetivos e razões

Uma primeira síntese sobre o estado das produções sobre a guerra mesoamericana foi produzida por Marco Antônio Obregón em 2014, como capítulo do livro *Historia de los Ejércitos Mexicanos*, que também possui outras contribuições que serão analisadas neste trabalho. Obregón divide os estudos sobre a guerra e suas implicações na política, sociedade e cosmológicas em duas escolas, decorrentes de abordagens e metodologias empregadas. Se por um lado a *tradição norte-americana* despreza as concepções rituais e enfoca os aspectos materiais, a *tradição proveniente da escola mexicana de antropologia* inverte o sinal, privilegiando as perspectivas mais cosmológicas e teóricas em detrimento de uma análise mais aprofundada acerca da materialidade concreta. Segundo o autor, essa polaridade prejudica os estudos do tema e impedem que novas perspectivas emergjam no âmbito desses estudos, já relativamente escassas⁸. É indispensável a compreensão

⁷ Para discussões sobre o tema, ver: BRAVO, Isabel Bueno. Las guerras floridas. *Revista de Historia Militar*. Instituto de Historia y Cultura Militar. Ministerio de Defensa. Nº 106, 2009, BARRY, Isaac. The Aztec “Flowery War”: A Geopolitical Explanation. *Journal of Anthropological Research* 39:4, 415-432. 1983, MARTÍNEZ, José Eduardo Contreras. En torno al concepto de guerra florida entre tlaxcaltecas y mexicas. *Dimensión Antropológica*, ano 2, vol. 3. 1995, ALICINO, Laura. El concepto de xochiyaoyotl en el mundo prehispánico según Las Relaciones de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin. *Ancient Mesoamerica*. Vol. 30, no. 2, p. 235-244. 2019., DAVIES, Nigel. *Los señoríos independientes del Imperio Azteca*. México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1968 e “Siempre peleaban sin razón”. La guerra florida como construcción social indígena. DECLERCQ, Stan. *Estudios de Cultura Náhuatl* 59. México, p. 97-130, 2020.

⁸ OBREGÓN, Marco Antonio. La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.

dessa perspectiva como pressuposto para trabalhar as propostas apresentadas, tanto com o objetivo de testar esse diagnóstico do autor quanto para balizar uma primeira abordagem a esse complexo e multifacetado universo.

Com base nessa divisão proposta por Obregón, pode-se compreender as construções formuladas pelos autores para compreender os objetivos da empresa da guerra na Mesoamérica a partir da ênfase empregada, por meio de perspectivas cosmológicas ou materiais. Essa divisão diagnosticada pelo autor perpassa toda a dinâmica dos estudos da guerra na Mesoamérica, atuando como um pressuposto metodológico que os autores partem para realizar suas proposições. No entanto, como veremos mais adiante, essa dualidade não parece esgotar toda a produção sobre o tema, que parece estar se tornando mais complexo em suas perspectivas e inferências, resultando em um quadro que torna nebuloso de algum modo essa divisão, sobretudo nas últimas décadas.

No que tange a construção dos objetivos concretos da guerra, os autores fundantes do que se pode considerar uma tradição de estudos sobre a guerra na Mesoamérica são os que formulam as proposições mais relevantes. Por meio de uma perspectiva materialista, autores como Ross Hassig, José Lameiras e Isabel Bueno Bravo – precursores no estudo das práticas e concepções relacionadas à guerra - produzem explicações que se tornaram clássicas de algum modo no âmbito desses estudos. Cabe destacar que esses três autores são os que produziram obras de fôlego sobre a temática da guerra que buscaram englobar todo o mundo mesoamericano, em especial o pós-clássico tardio. Esses autores são os que visaram sintetizar concepções que fossem válidas em toda a região, ainda que também tenham realizado estudos mais pormenorizados, em especial Ross Hassig. Eles partem de perspectivas que buscam rejeitar as explicações de matriz cosmológica como mote central das análises, talvez tentando compensar o foco demasiado nessas concepções até a década de 1980, quando

começam a ser produzidos os primeiros trabalhos de fôlego desse grupo⁹. Hassig deixa bastante evidente essa inclinação ao defender que,

No obstante que el pueblo en cuestión crea en Jehová, Alá, Huitzilopochtli o Chac, el ejército solo puede avanzar determinado número de kilómetros al día, cada soldado consume cierta cantidad de alimentos o bebidas diariamente, y es necesario proporcionar estos abastos si se pretende ganar una guerra al margen de la ideología.¹⁰

O cerne desses estudos sobre a guerra na Mesoamérica reside na análise das condições objetivamente materiais, rejeitando perspectivas que vão incutir elementos de natureza cosmológica ou religiosa como eixos centrais para a compreensão da guerra. Essa orientação desse grupo de autores – representativos de uma tradição bastante ampla, provavelmente hegemônica nos contextos de estudo desse tema, vale destacar – acaba convergindo para explicações bastante próximas acerca de quais seriam os objetivos da guerra. Com algumas variações nas ênfases empregadas por cada autor nas suas construções, é possível sintetizar as explicações produzidas no âmbito dessa tradição materialista a partir de alguns elementos.

Em primeiro lugar, uma rejeição ativa em qualquer explicação para a empresa da guerra que resida em preceitos ou imperativos de tradição cosmológica, relegando essa esfera à produção de uma ideologia legitimadora, como veremos adiante¹¹. Essa rejeição leva aos autores a buscarem nas fontes o que se consideram objetivos e motivações “concretas” para a empresa de incursões bélicas, que se repetem no sentido de indicar a busca por tributos, seja em bens ou em suporte militar, como um dos objetivos mais suscitados. O acesso a rotas e enclaves comerciais também aparece frequentemente como explicação evocada para incursões militares e

⁹ Ver: HASSIG, Ross. *War and Society in Ancient Mesoamerica*. Oakland: University of California Press, 1992. E LAMEIRAS, José. *Los déspotas armados: un espectro de la guerra prehispánica*. Zamora: Colegio de Michoacán, 1985.

¹⁰ Hassig, Ross. “La guerra maya vista a través del Altiplano Posclásico” In: *La guerra entre los antiguos mayas*, México, D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2000, p. 169.

¹¹ BRAVO, Isabel Bueno. *La guerra en el imperio azteca: Expansión, ideología y arte*. Madrid: Editorial Complutense, colección Mirada de la Historia, 2007, posição 3263. [Ebook].

expedições punitivas, em especial dentro das fronteiras de influência mexicana. A busca por cativos é a terceira das explicações objetivas sobre a guerra mesoamericana, sendo conveniente destacar as hipóteses e proposições de Elizabeth Graham que colocam os cativos como ativos econômicos a serem adquiridos por meio bélico dentro desse universo cultural¹². Há também as explicações de algum modo mais difusas e menos palpáveis sobre o ímpeto de ir à guerra na Mesoamérica, como a busca por prestígio, no nível social ou individual, e a estruturação militarista dos Estados do pós-clássico, que se estruturariam de modo a necessitar de constantes e bem sucedidas guerras para continuar a existir, tema que será abordado de modo mais pormenorizado adiante¹³.

Segundo a tradição proveniente da escola mexicana de antropologia, evocada por Obregón, as construções sobre os objetivos e a empresa da guerra são bastante distintas das apresentadas acima. Em geral, os autores dessa tradição estão mais ligados a estudos sobre cultura e sociedade, com ênfase nas concepções cosmológicas das realidades sociais. Nesse sentido, as explicações formuladas no âmbito dessa tradição seguem lógicas bastante distintas da tradição materialista, com foco nos objetivos de matriz cosmológica sobre as realidades "materiais", o que produz um contexto onde a ordem terrena seria subordinada às perspectivas cosmológicas gestadas por essas sociedades.

O artigo de Alfredo López Austin, *Razones para la guerra en Mesoamerica*, possui o mérito de sintetizar de forma clara as concepções e formulações provenientes dessa tradição em um só estudo, o que permite acessar, por meio desse texto, as formulações gerais, oriundas dessa ênfase, sem dúvida a mais tradicional no escopo dos estudos mesoamericanos. Para o autor, pode-se pensar em três níveis de formulações que compreendem as

¹² GRAHAM, Elizabeth. "This Means War!". In *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), 220-248. University Press of Colorado. 2019. p. 231-232.

¹³ BROKMANN, Carlos. La guerra en Mesoamérica entre discurso y práctica, In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 69.

razões — e os objetivos, portanto — da atividade guerreira na Mesoamérica do pós-clássico. A primeira se refere a ordenação básica do cosmos, que segue uma lógica que necessita da colaboração entre homens e deuses e a constante alimentação dessas entidades divinas, que se davam por meio de sacrifícios de cativos obtidos por meio de guerras e conflitos. Já o segundo nível, um pouco mais concreto em relação ao primeiro, tem seu sentido condensado pelo trecho de Miguel León-Portilla, outro autor clássico: “Ellos [os mexicas] se movían por concepciones religiosas de expandir el reinado de su deidad suprema, Huitzilopochtli”¹⁴. Austin López caracteriza esse segundo grau defendendo que

Los pueblos de pretensiones hegemónicas se proclamaban hijos predilectos de los dioses más poderosos para fincar sobre la tierra las bases de la armonía política. En el caso de los mexicas, el simple rechazo de la “adopción” de Huitzilopochtli y la protección del pueblo poderoso era suficiente para la declaración de guerra, y esto fue convirtiendo en causa justa la mera negativa de entrega de ofrendas y donativos de reconocimiento.¹⁵

Essa formulação, possivelmente a mais relevante nas concepções do autor e desse grupo, conclui que os objetivos da guerra versam sobre a necessidade ou anseio de submeter a ordem vigente no plano terreno à ordem cosmológica, vista como a ideal. Nesse sentido, as práticas guerreiras, ao se inserirem nessa lógica de realizar anseios divinos, seriam tributárias de lógicas cosmológicas que dariam o tom dos objetivos da guerra. Essa perspectiva trabalha de modo intenso com o valor sagrado de lugares e objetos, valorizando a captura ou a defesa destes como objetivo ou tarefa primordial da guerra Mesoamericana¹⁶. Para concluir, o terceiro nível seriam

¹⁴ LEÓN-PORTILLA, Miguel. La guerra justa. La rebelión del Mixtón. In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 27.

¹⁵ AUSTIN, Alfredo López. Las razones de la guerra en Mesoamérica. In: *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. Bataillon, G., Bienvenu, G., & Velasco Gómez, A. (Org.), Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 1998, parágrafo 47.

¹⁶ Ver: HERNANDEZ, Christopher. Palka, Joel. Maya Warfare, Symbols, and Ritual Landscapes. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), 30-46. University Press of Colorado, 2019. E AUSTIN, Alfredo López. *Hombre-Dios: religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM, 1989.

as faltas ou transgressões pontuais empreendidas por algum grupo, *altepetl* ou indivíduo, segundo as lógicas cosmológicas ideais que deveriam reger as dinâmicas sociais¹⁷.

Ambas as perspectivas, que poderiam ser classificadas como clássicas, concebem objetivos e motivações para a empresa da guerra e das operações bélicas de modo relativamente claro. Ainda que cada autor componha o quadro de suas análises enfatizando determinados pontos, o objeto final a ser adquirido através da guerra na Mesoamérica resulta claro nas duas perspectivas. Na última década, contudo, com a complexificação e problematização de alguns antigos postulados, parecem estar surgindo interpretações que não se encaixam nessas perspectivas tradicionais. Por diversos prismas, é palpável a produção de pesquisas que trabalham com noções um pouco mais difusas para se referir aos objetivos da guerra, em algumas perspectivas até rejeitando a produzir sistematizações nesse sentido. Curiosamente, essas perspectivas parecem surgir concomitantemente nas duas perspectivas evocadas na produção de Obregón.

O trabalho de Eduardo Monroy sobre a guerra no pós-clássico na região Maia é um exemplo claro desta tendência, que surge a partir de uma interpretação mais voltada para a compreensão do mundo material¹⁸. O autor trabalha diversas abordagens clássicas em seus estudos, aliados a uma interpretação de fontes escritas e arqueológicas, defendendo que a guerra nesse contexto não é suficientemente explicada por um conjunto de objetivos ou motivações definidas. Para o autor, as origens da atividade bélica advêm de uma difusa aspiração em sobrepujar os demais grupos humanos avizinados, não estabelecendo objetivos culturais ou materiais estritamente definidos, mas pensando baseado em um ponto de vista que concebe a atividade guerreira como dimensão própria da existência humana. Essa

¹⁷ AUSTIN, Alfredo López. *Hombre-Dios: religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM, 1989. Parágrafo 43-48.

¹⁸ MONROY, Eduardo. *La guerra en las Tierras Bajas Septentrionales mayas durante el Posclásico Tardío: Organización, desarrollo y táctica militar después de la caída de Mayapán*. Tesis que para obter por el título de licenciado em arqueología. INAH, Mexico D.F. 2012.

direção é notada em diversos trabalhos produzidos nas últimas décadas¹⁹. De algum modo, esse ponto de vista se assemelha às perspectivas que por vezes se evocam sobre a guerra no mundo ocidental, onde não se costuma pensar objetivos para guerras à priori, mas analisar cada contexto em particular para a compreensão adequada das dinâmicas que ali se articulam. Nesse sentido, esse ângulo prioriza a percepção de inclinações que podem resultar em conflitos bélicos, ao invés de conceber um conjunto determinado de objetivos a serem alcançados por via da guerra na Mesoamérica.

Já pela via das interpretações mais calcadas na dimensão cosmológica do mundo mesoamericano, os trabalhos de Federico Navarrete e principalmente Guilhem Olivier aparentam seguir esse mesmo caminho em apostar em análises mais focadas nos mecanismos de desenrolar da atividade guerreira do que na limitação de objetivos e motivações gerais. Os autores abordam as concepções e percepções que os mesoamericanos – em especial, os grupos do centro do México –, conferiam à atividade guerreira. As interpretações construídas por esses autores não estabelecem objetivos e motivações concretamente delimitadas, dedicando-se mais aos mecanismos antropológicos e sociais que se articulam com as atividades guerreiras. Essa abordagem tem suas raízes nos estudos antropológicos de sociedades não-estatais, notadamente as das terras baixas Sul-Americanas²⁰.

As construções analíticas explicitadas acima seguem pressupostos teórico-metodológicos claramente distintos, enquanto o primeiro busca explicar a prática da guerra com base em elementos primordialmente materiais, o segundo trabalha mais no âmbito das representações e

¹⁹ Ver: WEBSTER, David. Ancient Maya Warfare. In: *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds: Asia, Mediterranean, Europe, and Mesoamerica*. K. Raaflaub, N. Rosenstein (Org.), 333-360. Harvard University Press, 1999, SCHERER, Andrew e VERANO, John. *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014, MONROY, Eduardo. La guerra y los ejércitos prehispánicos en el área maya. In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. 2014. p. 43-68, MORTON, S. e PEURAMAKI-BROWN, M. *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Louisville, 220-248. University Press of Colorado. 2019, KATHRYN, Brown e STANTON, Travis. *Ancient Mesoamerican Warfare*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2003, e BRAVO, Isabel Bueno. *La guerra en el imperio azteca: Expansión, ideología y arte*. Madrid: Editorial Complutense, colección Mirada de la Historia, 2007.

²⁰ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”, In: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

concepções, ligadas ao mundo cosmológico. Ou seja, elas não diferem essencialmente pelas abordagens empregadas. No entanto, é razoável propor que façam parte de uma tendência conjunta, distinta das duas primeiras apresentadas, a partir do momento em que elas não propõem conjuntos de objetivos específicos e delimitados para a guerra, mas trabalham com as análises dos mecanismos e lógicas presentes nas atividades bélicas. Assim, parece estar se desenrolando uma tendência que parece valorizar as experiências históricas singulares ao não estipular um definido conjunto de objetivos e motivações para a guerra no contexto mesoamericano, o que pode estar ligado a uma orientação de recusa a uma perspectiva determinista no contexto desses trabalhos.

Modos de guerra

Como consequência das construções que privilegiam os contornos cosmológicos como denominador principal nas práticas e lógicas de guerra na Mesoamérica, os autores desse primeiro grupo entendem a prática bélica como uma atividade altamente ritualizada, conformada por determinados códigos provenientes dos imperativos cosmológicos. Por essa perspectiva, as táticas, o modo de se combater, os objetivos e tudo que envolve a atividade guerreira seriam constituídos segundo os filtros desses imperativos cosmológicos, resultando em uma atividade regrada em grande medida, com contornos definidos e com lógicas de atuação fortemente marcadas pelas questões de ordem mítica ou religiosa.

O autor holandês Rudolf van Zantwijk sintetiza algumas dessas concepções enraizadas no âmbito dessa perspectiva mais tradicional de interpretação sobre a guerra mesoamericana em seu trabalho sobre as estratégias militares empregadas pelo líder mexica Cuitlahuatzin nos contextos de guerra contra castelhanos e demais grupos indígenas. O autor sustenta que as

(...) intervenciones armadas aztecas tenían varios aspectos rituales, tanto de

tipo religioso como de tipo social. La táctica se influenciaba por el afán de tomar cautivos. La eliminación total del enemigo, en la mayoría de los casos no era el objetivo de la guerra. Al contrario, las operaciones militares aztecas tenían como función principal la intimidación del enemigo, para que se afiliara al sistema político azteca, manteniendo su propia ordenación interna. Los sacerdotes y tonalpouhqueh (expertos de la cuenta calendárica) indicaban los días más apropiados para las acciones militares. La presentación del ejército en el campo de batalla no se ordenaba únicamente por razones tácticas, sino también por el deseo de los jefes de mostrarse en público como nobles ricamente adornados.²¹

Além de um modo de se desenrolar bastante delimitado por conjuntos culturais previamente estabelecidos, essa perspectiva parece deixar pouco espaço para adaptações e quebras de paradigmas fora desse quadro para os atores históricos. Van Zantwijk vai destacar a falta de experiência dos mexicas em campanhas militares de longa duração – resultado de uma concepção de guerra que limitava as atividades bélicas a expedições curtas, esporádicas e definitivas – como uma característica resultante dos modos de guerrear mesoamericanos, um dos fatores que, segundo o autor vai levar à derrota frente a aliança indígena-castelhana em 1521²². Sobre esse apego às concepções que definiam as atuações e agências dos grupos sociais mesoamericanos na empresa da guerra, o autor propõe que “(...) los aztecas insistían en el uso de atavíos suntuosos que estaban estorbando sus movimientos durante las batallas”²³, produzindo uma perspectiva, corrente entre seus pares no contexto dessa tradição de estudos, de que as tradições eram tão importantes na empresa da guerra que chegavam a prejudicar o desempenho em batalha.

Federico Navarrete também pinta um quadro bastante semelhante ao analisar os eventos desse contexto, opondo o que seria uma concepção de guerra total europeia, onde vale tudo para atingir os objetivos propostos via

²¹ VAN ZANTWIJK, Rudolf. La política y la Estrategia Militar De Cuitlahuatzin. *Estudios De Cultura Náhuatl* 41, México, 2011, p. 27-28.

²² VAN ZANTWIJK, Rudolf. La política y la Estrategia Militar De Cuitlahuatzin. *Estudios De Cultura Náhuatl* 41, México, 2011, p. 28.

²³ VAN ZANTWIJK, Rudolf. La política y la Estrategia Militar De Cuitlahuatzin. *Estudios De Cultura Náhuatl* 41, México, 2011, p.33.

atividade guerreira, longe de qualquer amarra cultural, a um *viejo patrón mesoamericano*²⁴, nas palavras do autor, que conformaria essa construção de guerra intensamente ritualizada e ligada a padrões de atuações cosmológicas, que logicamente resultaria em restrições nas lógicas bélicas desses grupos. Essa perspectiva, resulta em proposições sobre a guerra que valorizam os meios, segundo as lógicas de relação entre o sagrado e o terreno, e não os fins, como a dimensão mais enfocada pelos acadêmicos dessa tradição.

Como um produto da tradição de orientação mais cosmológica, essa perspectiva parte da compreensão das lógicas míticas ou religiosas para definir os contornos concretos da guerra. Contudo, os autores dessa tradição não foram a fundo nas pesquisas com o objetivo de compreender os cenários onde se davam os combates, ou como as batalhas e conflitos entre grupos mesoamericanos se dariam. A dimensão terrena de algum modo, até pela orientação e perspectiva de análise dos autores, definitivamente não foi contemplada em suas complexidades, reproduzindo um relativo consenso tácito das guerras e contendidas bélicas enquanto atividades episódicas²⁵, geralmente em campo aberto, ocorrida pelo embate entre duas forças opostas²⁶. Reprodução que é reforçada pelo modo como algumas fontes foram produzidas no mundo colonial, geralmente representando os conflitos e as conquistas como eventos singulares, temporalmente precisos e absolutos de algum modo.

Nas últimas décadas, sobretudo a partir dos avanços de pesquisas arqueológicas aliadas a uma reorientação das perspectivas de análises das fontes de matriz escrita, alguns autores têm complexificado esses entendimentos, propondo uma guerra mesoamericana muito mais plural em

²⁴ NAVARRETE LINARES, Federico. La conquista europea y el régimen colonial. In: *Historia antigua de México*, vol. III. México: Miguel Angel Porrúa, 2001, p. 381.

²⁵ Para uma discussão sobre a permanência dessas imagens concernentes à guerra no imaginário popular moderno, ver: HANSON, Victor Davies. *The Western Way of War*. Oakland: University of California Press, Second Edition, 2009, capítulo: The Greeks and Modern Warfare.

²⁶ HANSON, Victor Davies. *The Western Way of War*. Oakland: University of California Press, Second Edition, 2009.

seus cenários e contextos do que se supôs. Os trabalhos de Gerardo Gutierrez sobre as guerras e a tríplice-aliança e a província de Tlapa desenharam um conflito — ou uma série de conflitos — que se prolongou por décadas, por meio de conquistas e perdas de fortificações e posições, conformando uma guerra sucedida por meio de atritos e desgastes²⁷. Essa perspectiva transforma algumas posições na medida em que um conflito longo e continuado requer forças militares permanentes — ou pelo menos repostas continuamente — e vão de encontro com a hipótese de Van Zantwijk sobre a suposta inabilidade dos mesoamericanos em campanhas militares longas.

Isabel Bueno Bravo vai destacar a centralidade dos combates em contextos navais para os grupos residentes em ambientes lacustres do altiplano central mexicano, defendendo que guerras levadas a cabo através de embarcações eram comuns na Mesoamérica pré-hispânica, por meio de elaboradas táticas que foram amplamente empregadas durante o cerco a Tenochtitlán em 1521 por ambos os lados da contenda²⁸. Outro autor que contribui para transformar o entendimento de onde ocorreriam os conflitos mesoamericanos é Matthew Restall, que vai pontuar a centralidade de emboscadas e do combate urbano para os padrões de atuação bélica na região de língua Maia ao longo do pós-clássico e do período colonial inicial²⁹, a exemplo do artigo de Scherer e Golden, que chega em conclusões similares acerca da centralidade dos combates em ambientes urbanos para os Mais do período clássico³⁰. Os trabalhos de David Webster e Eduardo Monroy também contém robustos indícios na direção de solidificar essas

²⁷ GUTIÉRREZ, Gerardo. Aztec Battlefields of Eastern Guerrero: An Archaeological and Ethnohistorical Analysis of the Operational Theater of the Tlapanec War. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. A. K. Scherer and J. M. Verano (Org.), 143-170. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014.

²⁸ BRAVO, Isabel Bueno. La guerra naval en el valle de México”. *Estudios de Cultura Náhuatl* 36, Universidad Nacional Autónoma de México, 2005, p. 199-223.

²⁹ RESTALL, M. Invasion: The Maya at War, 1520s-1540s. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. A. K. Scherer and J. M. Verano (Org.). Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014. p. 93-116.

³⁰ SCHERER, Andrew e GOLDEN, Charles. War in the West: History, Landscape, and Classic Maya Conflict. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. A. K. Scherer and J. W. Verano (Org.). Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014. p. 57-92.

compreensões para o contexto Maia³¹.

São múltiplos os exemplos de autores que têm contribuições no sentido de complexificar a compreensão dos modos de se fazer a guerra no contexto mesoamericano. A maioria deles, ou pelo menos os mais voltados ao campo de pesquisas da guerra, são oriundos da tradição de orientação mais materialista. Nesse sentido, na medida que novas descobertas e perspectivas vêm alargando o campo de decorrência da guerra, resulta uma impossibilidade definir um conjunto de preceitos que poderíamos chamar de um modo de guerrear cunhado no seio dessa tradição. É viável apenas, pensar que esses autores parecem conceber a guerra em associação com as concepções e percepções ocidentalizadas sobre o tema, estabelecendo apenas limitações e contornos segundo as restrições tecnológicas e logísticas disponíveis naqueles contextos. A falta de animais para transporte de longa distância ou a ineficácia das armas mesoamericanas em matar em larga escala são limitações que são evocadas com frequência por esses autores, que se propõe entender esses contextos segundo o que a materialidade concreta proporciona³². No limite, o grosso dos autores dessa tradição materialista não concebe a guerra mesoamericana como essencialmente diferente da ocidental, são as limitações e avanços da técnica que explicariam os contornos dos modos de se guerrear na Mesoamérica, e suas diferenças com relação aos ocidentais.

Podemos conceber essas diferentes ideias sobre o que é fazer a guerra como diferenças entre as representações projetadas e a realidade concreta que nem sempre se adequa ao mundo idealizado ou almejado. Os contornos de uma guerra altamente ritualizada proposta pela primeira tradição podem estar relacionados a um conjunto de noções cultuadas ideologicamente como desejáveis, que projetam como o mundo ou as

³¹ Ver: WEBSTER, David. Ancient Maya Warfare. In: *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds: Asia, Mediterranean, Europe, and Mesoamerica*. K. Raaflaub, N. Rosenstein (Org.), 333-360. Harvard University Press, 1999. E MONROY, Eduardo. La guerra y los ejércitos prehispánicos en el área maya. In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 43-68.

³² HASSIG, Ross. *War and Society in Ancient Mesoamerica*. Oakland: University of California Press, Oakland, 1992.

concepções que se deve almejar na empresa da guerra dentro das lógicas culturais daquele contexto. Ou seja, poderia referir-se à guerra representada como ideal no conjunto cultural-ideológico mesoamericano. As realidades históricas objetivas, naturalmente mais multifacetadas e complexas do que racionalizações anteriores poderiam supor, podem propiciar discrepâncias entre as lógicas e convenções imaginadas sobre a guerra e as práticas efetivamente realizadas.

Penso ser possível traçar um paralelo com o imaginário dos combates através de cargas de cavalaria em campo aberto no mundo europeu medieval, onde essa modalidade de enfrentamento bélico é cultuada em imagens, textos, e fortemente presente no imaginário coletivo, carregado em alta estima e status, mas que na prática ocorreram pouquíssimas vezes naquele contexto³³. Há, aqui, uma diferenciação entre o que se projeta e se representa idealmente e as realidades concretas, que, apesar de serem influenciadas e conformadas por esses conjuntos de noções culturais, não necessariamente reproduzem fielmente lógicas culturais concebidas a priori³⁴.

Por fim, convém notar as inspirações percebidas pelas tradições ao formular suas proposições. Enquanto a tradição mais materialista aparenta estar ligada a concepções ocidentais no que tange às percepções sobre os mecanismos empregados no modo de se fazer a guerra, constrangidas pelo cerceamento que a técnica restrita proporciona, a tradição inclinada a interpretar as realidades através de perspectivas mais cosmológicas, notadamente inspirada pela antropologia, parece vincular o contexto mesoamericano com outras realidades ameríndias, com notada ênfase nas construções e percepções antropológicas dos dispositivos ideológicos que se empregam nos contextos de guerra.

³³ HISTÓRIA FM 045: *Reconquista: cristãos e muçulmanos na Península Ibérica*. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Rodrigo Prates de Andrade. [s.l.] Leitura Obrigatória, 14 dez. 2020. Podcast. Disponível em <https://anchor.fm/historia-fm/episodes/045-Reconquista-cristos-e-muulmanos-na-Pennsula-Ibrica-enhkj1>. Acesso em 18/05/2021.BR

³⁴ BROKMANN, Carlos. La guerra en Mesoamérica entre discurso y práctica, In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.

Legitimações, a guerra e o Estado

Pensando para além dos objetivos e motivações evocados de modo direto para se fazer a guerra, há uma dimensão bastante evocada pelos estudiosos nesse campo de pesquisas, que são as construções que legitimam a prática guerra enquanto atividade socialmente aceita e até incentivada. Partindo das formulações de John Keegan, a guerra, entendida aqui como enfrentamentos bélicos socialmente institucionalizados, são uma constante histórica verificável na maioria dos agrupamentos humanos que se tem notícia. O que diferenciaria as práticas e concepções em cada contexto social seria o conjunto cultural que delimita os contornos da atividade em todas as suas dimensões. Assim, Keegan recusa conceitos como “guerras rituais” ou, no outro extremo, fundamentações supostamente racionais no exercício bélico, argumentando que todo conflito é ritual segundo as amarrações culturais que sustentam sua prática social³⁵. Se a guerra pressupõe a institucionalização social e é praticada segundo as concepções e percepções nutridas e sustentadas no interior desse tecido social, é imperativo analisar quais as estruturas que a legitimam – e incentivam, em alguns casos – as práticas bélicas para se construir um quadro inteligível de como esta era praticada e entendida por seus atores sociais.

No contexto mesoamericano, esse talvez seja o aspecto que esteja menos em disputa no que tange aos estudos sobre a guerra e suas ramificações. Autores das mais variadas abordagens em linhas gerais convergem em apontar o conjunto de noções da ordem cosmológica como o elemento central na construção de uma legitimidade para a guerra no contexto mesoamericano. Claro que há variações de abordagens e ênfases nas formulações dos diversos autores e tradições, onde alguns autores vão enfatizar e privilegiar determinados elementos como centrais, enquanto outros vão enfatizar outras perspectivas, mas que não chegam a se constituir

³⁵ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

enquanto oposições entre as proposições.

Retomando os níveis de motivações para a prática da guerra proposto por López Austin, temos os elementos que vão ser articulados pela maioria dos estudiosos. José Lameiras, um dos expoentes da tradição de orientação materialista, oposta às posições de López Austin no que tange aos objetivos da guerra, portanto, vai construir a legitimação da guerra na Mesoamérica a partir da formulação de uma organização social militarista. Nesse sentido, o autor sustenta que esse militarismo é construído fundado em

Una compleja relación entre la religión, la concepción del mundo y de la vida, el sistema de pensamiento y la ideología guerrera; una intrincada estructuración mental de las creencias en garantías sobrenaturales dadas por los dioses a los hombres para obtener la vida eterna y los modos de obtenerlas, conservarlas o acrecentarlas, con otras formas ejemplares de integrar creencias morales y cognitivas sobre el hombre, la sociedad y el universo humano se dieron en las sociedades mesoamericanas junto con los estímulos para la acción guerrera.³⁶

As posições religiosas, portanto, assumem um lugar central na construção desse universo ideológico que oferece legitimidade para as práticas guerreiras. O autor verifica como a construção dessa ideologia passa por uma glorificação da guerra e das armas, percebido, entre outros elementos, por meio da representação de deidades paramentadas em trajes militares e portando armas, mesmo as que não têm ligação direta com a prática guerreira³⁷. Outra autora de relevância nos estudos de tradição materialista, Isabel Bueno Bravo vai na esteira das proposições de José Lameiras ao verticalizar suas análises ao contexto da tríplice-aliança. A autora vai defender a formulação de uma ideologia imperial como elemento central na expansão e consolidação da hegemonia mexicana, idealizada segundo a figura de Huitzilopochtli como entidade divina superior, conferindo ao mexicano uma suposta justificativa para guerra ao mesmo tempo que fornece as bases

³⁶ LAMEIRAS, José. *El encuentro de la piedra y el acero: la Mesoamérica militarista del siglo XVI que se opuso a la irrupción europea*. Olvera — Zamora: El Colegio de Michoacán, 1994, p. 105.

³⁷ LAMEIRAS, José. *El encuentro de la piedra y el acero: la Mesoamérica militarista del siglo XVI que se opuso a la irrupción europea*. Olvera — Zamora: El Colegio de Michoacán, 1994, p. 107-108.

para legitimizar a dominação de diversos grupos.

Se percebe claramente uma articulação entre as duas tradições supracitadas no que diz respeito à legitimação da empresa da guerra no contexto mesoamericano. Contudo, enquanto avertente mais tradicional da escola de orientação cosmológica busca nessas concepções as motivações primeiras e concretas para agressões bélicas, a vertente materialista relega essas formulações de matriz cosmológica à uma posição de legitimação ideológica para a prática da guerra. As lógicas cosmológicas, segundo essa perspectiva, seriam de alguma forma instrumentalizadas pelos grupos na formulação de ideologias que garantissem legitimidade à uma atividade que teria como objetivos de fato elementos materiais ou sociais, como por exemplo a constituição da coesão social por meio de guerras inaugurais³⁸. Essa construção fica nítida com suporte do trabalho de Carlos Brockmann, que sistematiza as justificativas jurídicas evocadas pelos mexicas para ações militares. Para o autor, objetivos materiais, como tributos e cativos foram perseguidos sob justificativas construídas através de construções cosmológicas ou por meio de alegações “padrões”, que se repetem com frequência e são derivadas dessas articulações entre mundo cosmológico e realidade terrena (novamente o segundo e terceiro níveis de motivações para a guerra de López Austin são mobilizados). Há, segundo Brookman, uma desvinculação entre o discurso e a prática da guerramesoamericana, onde, a exemplo de outros contextos, resulta impossível decompor esses dois elementos, produzidos e reproduzidos a reboque das dinâmicas históricas na qual estão inseridos. Desse modo,

La ideología de la guerra, fundamental para legitimar y justificar las acciones bélicas, semantuvo en una relación de retroalimentación con los aspectos y necesidades prácticas. El resultado fue un derecho de guerra pragmático, que invocaba causas y formas de conducir las hostilidades para construir los consensos sociales necesarios para el despliegue y el abastecimiento. De manera semejante, la antigua práctica de ofrendar la sangre de los cautivos para alimentar a los dioses

³⁸ BATTCKOCK, Clementina. Las guerras y las conquistas en la Crónica mexicana. *Estudios de Cultura Náhuatl* 52, México, 2016, p. 177.

fue intensificada y englobó con ello aspectos tanto ideológicos como materiales. Los aspectos culturales, tales como la religión, cosmovisión y ritual jugaron un papel complementario a los propósitos estratégicos basados en lo económico, político y social. Con base en los dos casos estudiados es evidente que las manifestaciones militares de Mesoamérica tuvieron elementos propios y, al mismo tiempo, constituyeron un escenario del conflicto armado como factor global.³⁹

De outro modo, é possível perceber uma concepção de legitimação da guerra através de uma ótica bastante distinta, produzida pelos autores mais contemporâneos da tradição antropológica. Esses autores compreendem a guerra como elemento constitutivo da própria lógica de constituição de identidades e inimizades no mundo mesoamericano, mas também no mundo indígena como um todo. Capta-se uma legitimação que se dá mais no nível estrutural e difuso, segundo as próprias lógicas de existência dos conjuntos culturais e grupos sociais. Guilhem Olivier aponta a centralidade da guerra em múltiplos níveis nas cerimônias rituais no culto a Mixcóatl, relacionando a lógica que dá o tom para a prática da guerra como similar a que rege as práticas de caça⁴⁰. Nesse contexto, não há construções sobre a legitimação para a guerra, mas análises que concebem a guerra como elemento estruturante das lógicas culturais e formulador de identidade.

Nessa perspectiva, Federico Navarrete logra articular a guerra enquanto elemento fundamental no complexo de legitimações que são evocadas ao defender direitos sobre determinados assentamentos e conquistas. A partir da análise sobre os percursos migratórios dos principais altepeme do altiplano central mexicano, o autor aponta a prática da guerra como elemento constante nas construções que articulam divindades e grupos sociais na composição de legitimações formativas da identidade de cada comunidade.

El sacrificio de los cautivos enemigos sirvió seguramente para consagrar el cerro de papel como un altar y confirma además la

³⁹ BROKMANN, Carlos. La guerra en Mesoamérica entre discurso y práctica, In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.

⁴⁰ OLIVIER, Guilhem. *Cacería, sacrificio y poder en Mesoamérica. Tras las huellas de Mixcóatl, "Serpiente de Nube"*, IIH, UNAM, 2015, p. 454.

identificación de este objeto ritual con el cerro sagrado del altépetl como lugar de ofrendas sacrificiales. [...] El hecho de que los mexicas salieran victoriosos de este enfrentamiento [Embate que opôs mexicas à coyohuaques e colhuas] puede deberse tanto a razones militares, pues se habrían recuperado de sus descalabros en Colhuacan, como a razones religiosas, pues la realización de los rituales previos a la fundación les habría dado una mayor fuerza sobrenatural ya que (...) tras la fundación de Mexico-Tenochtitlan se volvieron mágicamente invencibles, como los totolimpanecas tras la fundación de Amaquemecan.⁴¹

nesse trecho o autor condensa essa perspectiva que articula a relação dos grupos e seus deuses avocados⁴² e a construção de legitimações que são produzidas por meio de confrontos militares, nesse caso a guerra contra Colhuacan que vai ser um dos marcostradicionais fundadores da identidade histórica desse grupo⁴³, sendo constantemente rememorados na tradição mexicana.

Clementina Battcock diferencia guerras e conquistas por meio de uma análise da crônica mexicana de Alvarado Tezozomoc. Para a autora, as conquistas seriam expedições que visavammeramente tributos e expansão da zona de influência da tríplice-aliança, enquanto as guerras seriam eventos que conteriam em si um caráter fundacional, conflitos militares que seriam evocados com frequência na tarefa da própria construção da identidade e do Estado mexicana, praticamente chegando a atingir *status* de mitos de origens, outro indício da robustez da atividade guerreira enquanto meio de legitimação e construção de identidades⁴⁴.

Excetuando-se as noções mais difusas oriundas da tradição antropológica mais contemporânea, que carrega abordagens particulares, foi possível notar um relativo consenso nas formulações acerca das

⁴¹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de Mexico. Los altépetl y sus historias*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2011, p. 480.

⁴² AUSTIN, Alfredo López. Las razones de la guerra en Mesoamérica. In: *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. Bataillon, G., Bienvenu, G., & Velasco Gómez, A. (Org.) Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 1998.

⁴³ BATTCOCK, Clementina. Las guerras y las conquistas en la Crónica mexicana. *Estudios de Cultura Náhuatl* 52, México, 2016, p.169-192.

⁴⁴ As guerras transcendentais para a sociedade mexicana seriam os conflitos contra Azcapotzalco, Chalco e Tlatelolco Cf: BATTCOCK, Clementina. Las guerras y las conquistas en la Crónica mexicana. *Estudios de Cultura Náhuatl* 52, México, 2016, p. 177.

legitimações diretamente evocadas sobre a guerra, com variações nas hierarquias empregadas pelos estudiosos em suas análises, mas que, em linhas gerais, convergem para compor um quadro relativamente pacífico sobre o tema. Esse fato pode ser decorrente do fato de que as evocações — analisadas em seus pormenores por Brookman — decorrem do mesmo conjunto de fontes, que segundo seu contexto histórico podem estar sujeitas ao mesmo ambiente ideológico ao produzir suas narrativas.

O relativo consenso, contudo, ao invés de expressar compreensões pacificadas, pode indicar uma área pouco explorada em suas particularidades. Como defendeu Travis Stanton em artigo recente, há muito o que ser decifrado sobre as articulações entre deuses, cosmologias, questões materiais e a prática da guerra. As concepções e percepções sobre a guerra em si, nesse campo das legitimações, parecem terem sido pouco destrinchadas, em que pese a grande quantidade de representações de conflitos, sacrifícios e ritos dessa temática disponíveis⁴⁵. A própria reprodução dos mesmos elementos por múltiplos autores é um indicativo do quanto pouco trabalhada foi essa questão em uma perspectiva analítica. Muito se escreveu sobre o resultado da articulação entre a prática da guerra, religião e Estado, mas pouco esforço foi realizado no sentido de buscar compreender quais e como se articulam os mecanismos que compõem essa complexa equação com foco no aspecto da guerra, fundamental na compreensão das lógicas sociais das sociedades mesoamericanas.

Cabe retomar alguns conceitos e proposições aludidas anteriormente para pensar como é construída a relação entre a empresa da guerra, a composição estatal e o lugar de cativos e prisioneiros nos estudos objeto deste trabalho. Ross Hassig e Isabel Bueno Bravo apresentam uma perspectiva que vai delineando a maneira como os Estados da Mesoamérica foram se tornando dependentes da guerra para alimentar todo um sistema social

⁴⁵ STANTON, Travis. Organized Violence in Ancient Mesoamerica. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), University Press of Colorado, 2019, p. 207-219.

alimentado pelos contínuos sucessos militares, o que produziu um cenário onde a guerra se tornou elemento fundamental para reprodução do sistema que sustentava o Estado. A necessidade de contínuos sucessos militares era tamanha, que entre as atribuições dos *tlatoani* estava liderar e ser bem sucedido nas empreitadas bélicas⁴⁶. Miguel Flores aponta para esse elemento ao comentar sobre as histórias sobre a guerra mexicana contra Azcapotzalco, onde os *pipiltin* convocaram os *macehualli* a tomar parte nos conflitos pela promessa de vitória, sob pena de morte das próprias elites, o que resultou na vitória do grupo mexicano e o início da hegemonia da tríplice-aliança. Essa história evocada como elemento de legitimidade da identidade mexicana e da ordem social, segundo o autor, dá uma ideia do quanto central a guerra poderia ser naquele contexto social. Hassig e Pastrana vão apontar como o insucesso das empreitadas militares poderia levar a remoção e o possível assassinato do *tlatoani*, indicando uma ordem social repleta de tensões e papéis a serem cumpridos, nos quais as atividades bélicas ocupam um papel central.

Isabel Bueno Bravo analisa essas estruturas sociais que compõem o Estado de modo pormenorizado, como parte do que a autora chama de “ideologia imperial”, que tem na guerra, ou no sucesso e nas propagandas do sucesso na guerra, seu alicerce mais vigoroso. Para a autora, os Estados mesoamericanos — a tríplice-aliança encabeçada pelos mexicanos, em particular —, acabaram por se tornar uma verdadeira máquina de guerra, onde as próprias lógicas de funcionamento sociais internos à sociedade estavam ligados à atividade guerreira. Para a autora, após as reformas promovidas pelo *tlatoani* Itzcóatl a ideologia imperial passou a ser disseminada nas escolas, onde

(...) recibían distinta formación, además del entrenamiento militar, pero en ellas se inculcaba la misma idea que vertebraba

⁴⁶ FLORES, Miguel Pastrana. Para que descance su corazón y su cuerpo. Reflexiones en torno a la ejecución de los gobernantes en el mundo náhuatl. In: *El gobernante en Mesoamérica: representaciones y discursos del poder*. VILLALOBOS, María Elena e FLORES, Miguel Pastrana (Org.), México: UNAM, 2018.

a la sociedad: para ser un miembro respetable de la sociedad, había que obtener virtudes que sólo se conseguían a través del éxito militar. Las clases eran impartidas por veteranos que no sólo enseñaban la utilización del armamento, sino también la doctrina social de la guerra.⁴⁷

Nessa linha, há estudos que versam sobre como a empreitada guerreira, mesmo nos níveis pessoais, estava naturalizada nas narrativas mexicas, como parte das “características da vida”⁴⁸, além de atentar para a centralidade das guerras passadas como eventos centrais na construção das identidades entre os mexicas.

Sobre Estado e identidade, alguns autores da tradição cosmológica recente, como Olivier e Navarrete, também destacam a centralidade da guerra como elemento fundamental na construção das identidades⁴⁹. Esses autores trazem outro elemento para essa equação, que são os cativos e as cerimônias rituais de antropofagia, fundamentais nessa perspectiva para a consolidação das múltiplas identidades no âmbito mesoamericano. Adepto de uma perspectiva que compreende a produção de alteridades por meio das guerras e da absorção produtora de identidades do inimigo⁵⁰, Navarrete destaca que “*el constante intercambio de prisioneros y su subsecuente sacrificio e ingestión contribuían también a crear una identificación entre altépetl rivales como México Tenochtitlan y Tlaxcala*”⁵¹, enquanto Olivier destaca nos rituais relacionados a divindade Mixcóatl um papel central das noções relacionadas à guerra como elementos fundamentais na constituição do culto e das identidades⁵².

⁴⁷ BRAVO, Isabel Bueno. “Roma y México-Tenochtitlan: Análisis comparativo y resultados”. *Anales del Museo de América*, Vol. 14, Espanha, 2006, p. 27-43.

⁴⁸ BATTCKOCK, Clementina. Las guerras y las conquistas en la Crónica mexicana. *Estudios de Cultura Náhuatl* 52, México, 2016, p. 178.

⁴⁹ OLIVIER, Guilhem. “El simbolismo sacrificial de los Mimixcoa: cacería, guerra, sacrificio e identidad entre los mexicas”, en Leonardo López Luján y Guilhem Olivier (Org.), *El sacrificio humano en la tradición religiosa mesoamericana*. México: INAH, IIH, UNAM, 2010, p. 453-482.

⁵⁰ Ver: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”, In: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. E NAVARRETE LINARES, Federico. Entre a cosmopolítica e a cosmo-história: tempos fabricados e deuses xamãs entre os astecas. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 59, n. 2, São Paulo, p. 86-108, 2016.

⁵¹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Hacia otra historia de América. Nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas*. México: IIH-UNAM, 2015, p. 53.

⁵² OLIVIER, Guilhem. *Cacería, sacrificio y poder en Mesoamérica. Tras las huellas de Mixcóatl, “Serpiente de*

A relação entre os cativos e a prática da guerra é estudada por múltiplas perspectivas, mas todas têm em comum o fato de articularem a captura de pessoas e os rituais de sacrifícios e antropofagia como elementos ligados à esfera da prática guerreira. Desde uma abordagem que compreende cativos enquanto objetivos a serem perseguidos para alimentar os imperativos cosmológicos, ligados à tradição cosmológica mais tradicional, até as proposições sobre o valor econômico dos cativos segundo sua posição nas redes de valoração mesoamericana⁵³, os cativos, os rituais que os envolvem e as guerras estão intimamente relacionados. Mirjana Danilovic aponta para a intrínseca relação entre os contextos de guerra e a prática da dança, indicando um universo que pode indicar concepções culturais sobre guerra (e danças) bastante distintas às nossas⁵⁴.

Nesse sentido, cabe destacar que a guerra permeia as sociedades mesoamericanas de modo capilarizado, onde diversas dimensões da vida cotidiana e social parecem ter sido influenciadas por essas concepções e percepções acerca dos conflitos bélicos. Diferentemente das sociedades modernas, onde os exércitos e forças armadas estão disciplinadas a funcionar aparte da vida cotidiana, nas sociedades mesoamericanas a relação da esfera militar com a civilé tão intrínseca que faz pouco sentido concebê-las como âmbitos distintos. Nesse sentido, avançar nas concepções historicamente particulares dos grupos mesoamericanos sobre a guerra e a belicosidade é aspecto fundamental na compreensão da sociedade como um todo. Como apontado por alguns autores⁵⁵, a recusa em verticalizar as análises acerca dessa dimensão do mundo mesoamericano, em favor de estudos sobre deuses, religião e cultura, resulta por construir um quadro que se

Nube". México: IIH, UNAM, 2015.

⁵³ GRAHAM, Elizabeth. "This Means War!". In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), 220-248. University Press of Colorado, 2019, p. 231-232.

⁵⁴ DANILOVIC, Mirjana. *Combatir bailando: danza y guerra en el Altiplano prehispánico. Estudios de Cultura Náhuatl* 53. México, 2017. p. 141-174.

⁵⁵ Ver: BRAVO, Isabel Bueno. *La guerra en el imperio azteca: Expansión, ideología y arte*. Madrid: Editorial Complutense, colección Mirada de la Historia, 2007. E OBREGÓN, Marco Antonio. *La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica* In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. 2014.

torna de difícil compreensão, uma vez que, nesses contextos, o aspecto bélico trabalha em contínua conjunção e articulação com os demais aspectos na conformação das realidades históricas mesoamericanas.

Considerações finais

Como foi sugerido, o estudo dos contextos relacionados à guerra no mundo mesoamericano parece estar intimamente ligado às abordagens teórico-metodológicas empregadas, mas não é apenas esse fator que delimita os contornos das pesquisas. A dimensão disciplinar parece afetar de modo intenso o modo como os autores percebem e constroem as questões relacionadas à guerra. Estudos antropológicos e provenientes da história da arte possuem a tendência de priorizar as dimensões cosmológicas e os mecanismos de percepções e compreensão sobre a guerra, com menos destaque para os contextos particulares e investigações verticalizadas. A guerra está presente segundo as análises de representações e a busca por padrões e sistematizações das tradições de pensamento.

Por outro lado, se notou nos estudos arqueológicos uma tendência a analisar as realidades históricas por meio de estudos mais particulares, através de constantes questionamentos de pressupostos anteriores e proposições e questões sendo levantadas a todo momento com novas descobertas realizadas constantemente. Nesse sentido, os trabalhos arqueológicos, em sua maioria, parecem estar mais próximos de abordagens de cunho materialista, com ênfases nas transformações e permanências ao longo dos séculos. Por lidar com cultura material, o que inclui fortificações, contextos funerários e armas, o esforço por delimitar os contornos e modos de se guerrear efetivamente do mundo Mesoamericano vêm com maior intensidade. Os trabalhos provenientes da história tendem a ser os mais diversificados, recorrendo às demais disciplinas para construir suas interpretações sem ser possível traçar delimitações claras de orientações provenientes dessa disciplina, que é bastante múltipla, a depender do autor.

Diversos trabalhos analisados versaram sobre a intensa articulação entre

a guerra e os elementos e lógicas contidas no campo religioso ou mítico. Contudo, pouco se pensou acerca de quais lógicas e concepções sobre a guerra estão sendo veiculadas dentro dessas tradições, com olhares voltados para os estudos *a partir* da associação entre a guerra e as demais dimensões. Foi realizado diminuto esforço em investigar quais são as noções contidas nesse elemento guerra, empregado em larga escala nas análises. O que se entende e como se conforma a guerra nos contextos mesoamericanos parece ser uma pergunta pouco colocada em prática nos estudos percorridos por esse trabalho, que se dedicaram mais vigorosamente a dois aspectos: entender as associações de aspectos bélicos nos demais aspectos das realidades sociais e decifrar como a guerra era realizada em sua dimensão prática. Na esteira do que foi aludido por estudiosos em trabalhos recentes⁵⁶, parece haver muito o que ser explorado nesse campo de estudos.

Sobre as duas tradições ou tendências propostas por Obregón e encampadas por este trabalho, convém algumas considerações. Aludiu-se a perceptível inspiração da tradição materialista pelos estudos militares de matriz ocidental, assim como a articulação e adoção de conceitos e postulados oriundos de estudos antropológicos sobre sociedades indígenas pelos estudos de orientação cosmológica. Por trás desses vínculos, é possível conjecturar algumas proposições.

Pela tradição ocidental, é possível detectar uma tendência em analisar as sociedades mesoamericanas como grupos “complexos” — em oposição ao que seriam sociedades simples — concebidos segundo a presença de monumentalidade e contextos urbanos como elementos que as distinguem das demais tradições de pensamento ameríndias. Nessa chave, as sociedades da Mesoamérica deveriam ser analisadas tendo como paralelos sociedades antigas do mundo

⁵⁶ STANTON, Travis. Organized Violence in Ancient Mesoamerica. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), 207-219. University Press of Colorado. 2019, E GRAHAM, Elizabeth. “This Means War!”. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville (Org.), 220-248. University Press of Colorado. 2019.

européu, como o mundo romano⁵⁷. Por si só, esse elemento não é algo necessariamente prejudicial aos estudos desse contexto, uma vez que exercícios de história comparada podem produzir importantes frutos ao confrontar alteridades e trazer novas perspectivas e abordagens. Contudo, esse movimento parece estar dotado de ideias culturais ocidentais que são introjetadas nas realidades históricas mesoamericanas referentes à guerra por meio de uma busca por *racionalidades*, isto é, uma suposta razão universal e atemporal para a empresa da guerra, que se verificaria quando se exclui perspectivas tidas por míticas ou religiosas. Esse movimento acaba por dificultar os entendimentos sobre a guerra específicos do contexto mesoamericano, uma vez que preenche de alguma forma os espaços teóricos sobre a construção das concepções de guerra com percepções oriundas do mundo ocidental, por vezes entendida como um racionalismo natural, que apareceria quando se retira os elementos rituais dos contextos bélicos.

John Keegan já problematizou essas concepções pretensamente racionais como mecanismos de explicação da guerra⁵⁸, e Victor Hanson demonstra de maneira detalhada como concepções cunhadas no interior do mundo grego agrário sobre o que é e como deveriam ser as contendas bélicas moldam o imaginário social sobre o tema até os dias atuais⁵⁹. As racionalidades mobilizadas para a empresa da guerra são sempre culturalmente produzidas, as guerras são empreendidas a partir de motivações e modos absolutamente circunstanciais, portanto, não existe esfera das realidades sociais que possa ser analisada longe das pressões exercidas pelos elementos culturais, que vão estruturar as formas de ação e racionalidade⁶⁰.

⁵⁷ BRAVO, Isabel Bueno. “Roma y México-Tenochtitlan: Análisis comparativo y resultados”. *Anales del Museo de América*, Vol. 14. Espanha, 2006, p. 27-43.

⁵⁸ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵⁹ HANSON, Victor Davies. *The Western Way of War*. Oakland: University of California Press, Second Edition. 2009.

⁶⁰ SAHLINS, Marshall. Estrutura e História. In: *Ilhas de História*. Tradução Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Não significa, contudo, resumir todo o complexo de elementos que compõe a guerra a construções de postulados cosmológicos definidos, como sistemas de atuação a-históricos e relativamente estáticos, como tende o grupo de orientação cosmológica mais tradicional. Possivelmente por isso, esses autores tendem a não entrar de cabeça na seara dos estudos sobre os contextos bélicos particulares, na maioria das vezes se contentando com delineamento de percepções e ideias tanto pretensamente sistêmicas como difusas, eventualmente herança de uma tradição demasiado estruturalista aplicado a esses contextos.

Para concluir, se atentar na percepção de uma epistemologia própria das sociedades indígenas (e mesoamericanas) parece ser a principal missão dos estudos sobre a guerra desde os contextos materiais, ao mesmo tempo que falta nas percepções de matriz cosmológica uma verticalidade maior na seara das guerras e belicosidade. Nesse sentido, apoiado de uma reorientação de ambas as perspectivas, pode-se produzir estudos que se complementam de alguma maneira acerca desse tema. Possivelmente, o momento das pesquisas indica a necessidade de avançar nos estudos particulares e refletir sobre pressupostos teóricos e metodológicos, objetivando a expansão dos entendimentos e do conhecimento dos contextos particulares. Evitar as sínteses e teorias gerais, buscando verticalizar as pesquisas dos mais variados ângulos aparenta ser o caminho para expandir os estudos visando a construção de compreensões mais equilibrada sobre as concepções e percepções sobre a guerra na Mesoamérica.

Referências bibliográficas

- AUSTIN, Alfredo López. Las razones de la guerra en Mesoamérica. In: *Las teorías de la guerra justa en el siglo XVI y sus expresiones contemporáneas*. (Org.) Bataillon, G., Bienvenu, G., & Velasco Gómez, A. Centro de estudios mexicanos y centroamericanos. 1998. Disponível na internet: <http://books.openedition.org/cemca/570>. Acesso em 18/05/2021.
- _____. *Hombre-Dios: religión y política en el mundo náhuatl*. México: UNAM, 1989.
- BATCOCK, Clementina. Las guerras y las conquistas en la Crónica mexicana. *Estudios de Cultura Náhuatl* 52. México, 2016, p.169-192.

- BRAVO, Isabel Bueno. *La guerra en el imperio azteca: Expansión, ideología y arte*. Madrid: Editorial Complutense, colección Mirada de la Historia, 2007. [E-book]
- _____. "La guerra mesoamericana en época Mexica". *Estudios de Cultura Náhuatl* 37, Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 253-274.
- _____. "La guerra naval en el valle de México". *Estudios de Cultura Náhuatl* 36, Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. p. 199-223.
- _____. *Mesoamérica Territorio en guerra*. México: Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano, 2015.
- _____. "Roma y México-Tenochtitlan: Análisis comparativo y resultados". *Anales del Museo de América*, Vol. 14. Espanha, p. 27-43. 2006.
- BROKMANN, Carlos. La guerra en Mesoamérica entre discurso y práctica, In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.
- DANILOVIC, Mirjana. Combatir bailando: danza y guerra en el Altiplano prehispánico. *Estudios de Cultura Náhuatl* n° 53. México, 2017. p. 141-174.
- FLORES, Miguel Pastrana. Para que descanse su corazón y su cuerpo. Reflexiones en torno a la ejecución de los gobernantes en el mundo náhuatl. In: *El gobernante en Mesoamérica: representaciones y discursos del poder* (Org.) VILLALOBOS, María Elena e FLORES, Miguel Pastrana. México: UNAM, 2018. p. 121-158.
- GUTIÉRREZ, Gerardo. Aztec Battlefields of Eastern Guerrero: An Archaeological and Ethnohistorical Analysis of the Operational Theater of the Tlapanec War. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*, (Org.) A. K. Scherer and J. M. Verano, 143-170. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014.
- GRAHAM, Elizabeth. "This Means War!". In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches* (Org.) Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville, 220-248. University Press of Colorado. 2019. p. 231-232.
- HANSON, Victor Davies. *The Western Way of War*. Cambridge: Second Edition, University of California Press, 2009.
- HASSIG, Ross. *Aztec Warfare: Imperial Expansion and Political Control*. Norman: Second Edition, University of Oklahoma Press, 1995.
- _____. La guerra en la antigua Mesoamérica. *Arqueología Mexicana*, núm. 84, marzo— abril, México, 2007.
- _____. "La guerra maya vista a través del Altiplano Posclásico" In: *La guerra entre los antiguos mayas*, México, D.F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2000.
- _____. The Aztec World In: *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds: Asia, Mediterranean, Europe, and Mesoamerica* (Org.) K. Raaflaub, N. Rosenstein, 361-388. Harvard University Press, 1999.
- _____. *War and Society in Ancient Mesoamerica*. Cambridge: University of California Press, Oakland, 1992.
- HERNANDEZ, Christopher. Palka, Joel. Maya Warfare, Symbols, and Ritual Landscapes. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches* (Org.) Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville, 30-46. Boulder: University Press of Colorado, 2019.
- HISTÓRIA FM 045: *Reconquista: cristãos e muçulmanos na Península Ibérica*. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistado: Rodrigo Prates de Andrade. [s.l.] Leitura Obrigatória, 14 dez. 2020. Podcast. Disponível em <https://anchor.fm/historia-fm/episodes/045-Reconquista-cristos-e-muulmanos-na-Pennsula-lbrica-enhkj1>.

Acesso em 18/05/2021.BR

KATHRYN, Brown e STANTON, Travis (Org.). *Ancient Mesoamerican Warfare*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2003.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LAMEIRAS, José. *El encuentro de la piedra y el acero: la Mesoamérica militarista del siglo XVI que se opuso a la irrupción europea*. Olvera – Zamora: El Colegio de Michoacán, 1994.

_____. *Los déspotas armados: un espectro de la guerra prehispánica*. Olvera – Zamora: Colegio de Michoacán, 1985.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. La guerra justa. La rebelión del Mixtón. In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.

MONROY, Eduardo. *La guerra en las Tierras Bajas Septentrionales mayas durante el Posclásico Tardío. Organización, desarrollo y táctica militar después de la caída de Mayapán*. Tesis que para optar por el título de licenciado en arqueología. INAH, Mexico D.F. 2012.

_____. La guerra y los ejércitos prehispánicos en el área maya. In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014, p. 43-68.

MORRIS, Ian. *Guerra – o horror da guerra e seu legado para a humanidade*. Tradução de Luis Reys Gil. São Paulo: LeYa, 2015.

MORTON, S. e PEURAMAKI-BROWN, M. (Org.) *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. Louisville, 220-248. Boulder: University Press of Colorado. 2019.

NAVARRETE LINARES, Federico. Entre a cosmopolítica e a cosmohistória: tempos fabricados e deuses xamãs entre os astecas. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 59 n. 2, São Paulo, p. 86-108, 2016.

_____. *Hacia otra historia de América. Nuevas miradas sobre el cambio cultural y las relaciones interétnicas*. México: IIH-UNAM, 2015.

_____. La conquista europea y el régimen colonial. In: *Historia antigua de México vol. III*. México: 2001, p. 371-405.

_____. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México. Los altépetl y sus historias*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2011, 574. Disponível em: www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/origenes/origenespueblos.html (consulta: 07 de Abril de 2021).

OBREGÓN, Marco Antonio. La arqueología e historia militar en México y el conocimiento de los ejércitos prehispánicos, una visión panorámica In: *Historia de los Ejércitos Mexicanos*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2014.

OLIVIER, Guilhem. *Cacería, sacrificio y poder en Mesoamérica. Tras las huellas de Mixcóatl, "Serpiente de Nube"*. México: IIH, UNAM, 2015.

_____. "El simbolismo sacrificial de los Mimixcoa: cacería, guerra, sacrificio e identidad entre los mexicas" In: Leonardo López Luján y Guilhem Olivier (Org.) *El sacrificio humano en la tradición religiosa mesoamericana*, México: INAH, IIH, UNAM, 2010, p. 453-482.

RESTALL, M. Invasion: The Maya at War, 1520s-1540s. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. A. K. Scherer and J. M.

Verano (Org.). Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2014, p. 93-116.

SAHLINS, Marshall. Estrutura e História. In: *Ilhas de História*. Tradução Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SCHERER, Andrew e GOLDEN, Charles. War in the West: History, Landscape, and Classic Maya Conflict. In: *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. (Org.) A. K. Scherer and J. W. Verano. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014. p. 57-92.

SCHERER, Andrew e VERANO, John (Org.). *Embattled Bodies, Embattled Places: War in Pre-Columbian Mesoamerica and the Andes*. Washington, DC: Dumbarton Oaks Research Library and Collection. 2014.

STANTON, Travis. Organized Violence in Ancient Mesoamerica. In: *Seeking Conflict in Mesoamerica: Operational, Cognitive, and Experiential Approaches*. (Org.) Morton, S. Peuramaki-Brown, M. Louisville, 207-219. Boulder: University Press of Colorado, 2019

VAN ZANTWIJK, Rudolf. La política y la Estrategia Militar De Cuitlahuatzin. *Estudios De Cultura Náhuatl n° 41*. México, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo, "O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem", In: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WEBSTER, David. Ancient Maya Warfare. In: *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds: Asia, Mediterranean, Europe, and Mesoamerica*. (Org.) K. Raaflaub, N. Rosenstein, 333-360. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

Recebido em 24/06/2021 e aceito em 08/08/2021.